

FA D'AMBÔ: LÍNGUA CRIOLA DE ANO BOM

ALFREDO CRISTOFOLETTI SILVEIRA*
ANA LÍVIA DOS SANTOS AGOSTINHO**
MANUELE BANDEIRA***
SHIRLEY FREITAS****
GABRIEL ANTUNES DE ARAUJO¹

RESUMO: Neste texto, apresentamos um panorama do *fa d'ambô*, uma língua crioula de base lexical portuguesa falada na Ilha de Ano Bom, na Guiné Equatorial. Embora a colonização portuguesa na Ilha de Ano Bom tenha sido irregular, o *fa d'ambô* é uma evidência da presença do mundo português, de um lado e, de outro lado, da sobrevivência de características únicas da cultura portuguesa na Ilha de Ano Bom. Mostraremos que o estudo do *fa d'ambô* da Ilha de Ano Bom é uma oportunidade para aumentarmos a compreensão sobre a gênese do protocioulo do Golfo da Guiné, em particular, e sobre as línguas crioulas, em geral.

PALAVRAS-CHAVE: *Fa d'ambô*; línguas crioulas; Golfo da Guiné.

ABSTRACT: In this paper, we give an overview of *fa d'ambô*, a language spoken mainly on the island of Ano Bom, in Equatorial Guinea. Although Portuguese colonization on the island of Ano Bom was inconsistent, linguistic and cultural factors are unequivocal proof not only of the relationship between these language and the Portuguese world, but also of the survival of characteristics peculiar to Portuguese culture on the island of Ano Bom. We show that studying *fa d'ambô* is an opportunity to increase our understanding of the origin of the Gulf of Guinea proto-Creole in particular, and of Creole languages in general.

KEYWORDS: *fa d'ambô*; Creole languages; Gulf of Guinea.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto² é apresentar um panorama sobre a língua *fa d'ambô* (FA), falada na Ilha de Ano Bom, na República da Guiné Equatorial (RGE), e

* cs.alfredo@gmail.com

** ana.agostinho@usp.br

*** manuele28@gmail.com

**** 0shirleyfreitas@gmail.com

¹ g.antunes@usp.br

² Agradecemos a Tjerk Hagemeyer, Armando Segorbe, Mário Eduardo Viaro e Gerhard Siebert por comentários e sugestões. Os erros que permanecem, contudo, são de nossa inteira responsabilidade. Agradecemos à Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), no âmbito do projeto *The origins and development of creole societies in the Gulf of Guinea: an interdisciplinary study* (ptdc/cle-lin/111494/2009), ao CNPq e à FAPESP pelo apoio financeiro.

demonstrar algumas de suas relações com a língua portuguesa e com as demais línguas crioulas de base portuguesa do Golfo da Guiné, destacando aspectos históricos, fonológicos, lexicais e sintáticos.

A República da Guiné Equatorial é um país multilíngue no qual são faladas as seguintes línguas (Lewis 2009): o fang (*circa* 300 mil falantes), o pichi³ (5 mil), o bubu (40 mil), o espanhol (11.500), o seki (11 mil), o batanga (9 mil), o kwasio (8.500), o ngumbi (4 mil), o bengá (3 mil), o molengue (1 mil), o yasa (910) e o gyele (29). O número de falantes do *fa d'ambô* é estimado em 5.600, sendo cerca de 5 mil na Ilha de Ano Bom, e 600, na diáspora, incluindo a capital Malabo, em outros lugares da Guiné Equatorial Continental e na Espanha (Lewis 2009). Ao lado do espanhol, o francês e o português são as línguas oficiais. Contudo, diferentemente do espanhol (que possui uso veicular), há poucos falantes de francês e português. Devido ao isolamento da Ilha de Ano Bom e ao número reduzido de falantes, frente às demais línguas do país, *fa d'ambô* pode ser considerado uma língua minoritária na RGE. Embora minoritária, a língua não se encontra ameaçada de extinção, posto que possui falantes nativos, é aprendida pelas crianças e tem grande relevância social na comunidade anobonesa. No entanto, o fang, língua da elite governante e do grupo étnico do presidente-vitalício da República, general Teodoro Obiang Nguema Mbasogo, ao lado do espanhol, língua da mídia e da escolarização, são ameaças a todas as línguas minoritárias do país.

Este trabalho está assim organizado: na próxima seção, discorreremos sobre a presença portuguesa na Ilha de Ano Bom (doravante AB ou a Ilha). Em seguida, concentrar-nos-emos na gênese das línguas crioulas de base portuguesa do Golfo da Guiné (GG) e na importância do protocrioulo do GG. A seção 4 trata de aspectos fonológicos, lexicais e sintáticos do *fa d'ambô*, comparando-os com a língua portuguesa e com as demais línguas crioulas de base portuguesa do Golfo. Na última seção, apresentaremos algumas considerações finais.

2. A PRESENÇA PORTUGUESA EM ANO BOM

A data exata da chegada de europeus à Ilha de Ano Bom (Annobón, em espanhol) é controversa. Zamora (2010: 73) afirma que a descoberta da ilha se deu em 1471, por navegadores portugueses. José de Móros y Morellón & Juan Miguel de los Ríos (1844: 16) apontam, sem citar fontes, que a Ilha pode ter sido descoberta por João de Santarém em primeiro de janeiro de 1498 ou mesmo em 10 de junho de 1473. Contudo, Caldeira (2010: 90) defende que o descobrimento da Ilha se deu em um primeiro de janeiro⁴, o dia do Ano Novo ou do Ano Bom, porém não é possível, a partir de fontes fidedignas, estabelecer o ano exato da

³ Os dados de Lewis (2009) são baseados em estimativas. No que diz respeito ao pichi, Yakpò (2009: 1) afirma que há cerca de 70 mil falantes de pichi na Guiné Equatorial, incluindo aqueles que o têm como língua materna e os que usam como segunda língua. Ao lado do espanhol, o pichi seria uma das línguas mais faladas no país.

⁴ Evidenciado pelo padrão toponímico típico da Era das Navegações Portuguesas de nomear territórios e acidentes geográficos com o nome da festa religiosa celebrada no dia.

chegada dos portugueses. Entretanto, Caldeira situa o evento entre 1493 e 1501. Desde a sua descoberta até 1778, a Ilha foi uma colônia portuguesa. De 1778 a 1968, Ano Bom pertenceu à Espanha e, de 1968 em diante, é parte da República da Guiné Equatorial. Assim como as ilhas de São Tomé e Príncipe, Ano Bom estava inabitada até a chegada dos europeus. Em 1503, Jorge de Melo se tornou o primeiro capitão-donatário da ilha e responsável pela primeira povoação, seguindo o modelo de colonização portuguesa do começo do século XVI, conquanto a primeira leva de colonizadores só chegaria em 1543 (Caldeira 2006). A colonização da Ilha foi muito lenta por uma série de fatores, dentre eles a pequena extensão da Ilha (17.5 km²), sua posição fora das rotas de comércio portuguesas, a incapacidade de sustentar um modelo agroindustrial de exploração da cana sacarina e a concorrência da Ilha de São Tomé, onde o modelo colonial português foi relativamente bem-sucedido, pelo menos no século XVI (Garfield 1992, Caldeira 2010).

Ao longo do século XVI, a Ilha teve pouca ou quase nenhuma presença portuguesa. Caldeira (2010: 91) afirma que os capitães-donatários nunca residiram na capitania e limitavam-se a manter um procurador (em geral, um membro do clero⁵) em São Tomé ou um feitor em AB. Assim, muitas vezes, o representante do capitão-donatário e sua milícia (guarda pessoal) eram os únicos portugueses na Ilha.

⁵ Nos séculos XVI e XVII, a comunidade anobonesa recebeu serviços religiosos através da presença contínua, embora irregular, de membros do clero. A comunidade de escravos transplantada de São Tomé levou, portanto, o Catolicismo à Ilha e era assistida espiritualmente por sacerdotes residentes (de Granda 1985a: 148 menciona que sacerdotes capuchinhos viveram na Ilha entre 1645-1647 e 1654; frei Francisco Pinto de Fonseca em 1757, Padre António Luis Monteiro e Padre Gregorio Martins das Neves em 1770.) ou temporários, oriundos da diocese são-tomense, ou pelos capelães das embarcações que aportavam em AB (Caldeira 2006). A presença do clero, com seu poder de difusão do instrumento linguístico oficial, a língua portuguesa, e a manutenção do modelo da língua-alvo para a população local são alguns dos fatores que contribuíram, historicamente, para o aporte lexical do português no fa d'ambô e para a manutenção de uma variedade do português como língua litúrgica (de Granda 1985a: 147-9). Contudo, depois de algumas tentativas malsucedidas de estabelecer uma agricultura comercial na Ilha, os escravos e seus descendentes foram 'abandonados'. Subsequentemente, os anobonenses se recusaram a aceitar brancos (Caldeira 1999), inclusive padres (Matos 2005: 268, 400 *apud* Disney 2009: 115) e isso aumentou o isolamento da comunidade e da língua. Sem a presença do clero, os habitantes locais se viram forçados a reconstruir, por si mesmos, apoiados na tradição oral e por objetos (livros, imagens, ornamentos) deixados pelos últimos religiosos, uma estrutura cultural autóctone, cuja base é uma variante do português (de Granda 1985a: 148 emprega a expressão *variante do português medieval*. Zamora-Loboch 1962 apresenta alguns exemplos de uso desta linguagem litúrgica. Schuchardt 1888 é um dos primeiros autores a mencionar os textos cerimoniais e acrescenta que se trata de um *português criouloizado*, em oposição ao fa d'ambô que seria um crioulo de fato.). Avézac (1848: 242, *apud* Schuchardt 1888: 193-4) afirma que 'a mais notável lembrança conservada da antiga estada dos europeus é uma afeição singular pela religião católica a qual, de resto, lhes é somente um culto material acompanhado de cerimônias cujo sentido já não compreendem' (No original: *'le plus remarquable souvenir qu'ils aient conservé de l'ancien séjour des Européens, est un attachement singulier pour la religion catholique, qui, du reste, n'est guère pour eux qu'un culte matériel accompagné de cérémonies dont ils ne comprennent plus le sens'*. Tradução de Mário Eduardo Viaro.). Assim, os ritos cristãos passaram a ser executados por leigos durante a ausência da Igreja. Com o passar do tempo, o grupo de anobonenses capazes de liderar estas cerimônias, formado por sacerdotes e por viúvas, ganhou prestígio e tornou-se parte crucial do tecido social da Ilha. Os cinco **sangitan** (palavra oriunda do étimo português 'sacristão'), juntamente com o **sangitan gandji** (isto é, o 'sacristão grande'), presidem as cerimônias, realizadas exclusivamente nessa linguagem cultural. As **viúvas**, após respeitarem o período

Como um subproduto tardio do regime feudal português, o capitão-donatário era o responsável pela implantação de um sistema de produção de partilha⁶ em AB, no qual os escravos africanos eram responsáveis por entregar parte da produção, sobretudo de algodão, ao seu representante. Além disso, os trabalhadores escravizados também se dedicavam à pesca e à agricultura de subsistência. As evidências linguísticas encontradas na literatura mostram que as levas de escravos transplantados a AB passaram períodos em São Tomé, ao ponto de levarem consigo, para a Ilha de Ano Bom, a língua falada naquela colônia e uma versão da cultura católica portuguesa (cf. Garfield 1992, Caldeira 2006, 2007, entre outros).

A origem do *fa d'ambô* está intimamente ligada ao processo colonizatório lusitano em São Tomé e Príncipe e ao sequestro e transporte de milhares de habitantes do continente africano para as ilhas do GG. Foi esse processo que levou, involuntariamente, à gênese das línguas crioulas de base portuguesa do Golfo da Guiné.

3. ORIGENS: O PROTOCRIOULO DO GOLFO DA GUINÉ

Há, no Golfo da Guiné, quatro línguas crioulas de base portuguesa geneticamente relacionadas. Na República Democrática de São Tomé e Príncipe (STP), são falados o santome (ST), o lung'ie (LI) e o angolar (AN)⁷. Na República da Guiné Equatorial, é falado o *fa d'ambô*. Dados históricos e a tipologia

de seis ou sete anos de viuvez, em castidade, podem se juntar à *sociedade das viúvas*. Este grupo de viúvas reunir-se-á aos seus respectivos maridos no além-túmulo e, por este motivo, devem esperar por este momento, mantendo-se castas. Para ser designado sangitan, o aspirante deve conhecer todas as orações, fórmulas e canções 'portuguesas' empregadas nas diferentes festas religiosas do ano e em todas as circunstâncias rituais. Os membros da sociedade de viúvas também devem conhecer os textos orais dos rituais. Segundo de Granda (1985a: 148), a aprendizagem se dá pela memorização, com a ajuda de um sangitan ou de uma viúva, e mediante a leitura de textos contendo alguns dos livros religiosos portugueses, transmitidos sem interrupções de um sangitan a outro ou de uma viúva a outra, desde o século XVIII. As cerimônias são, de acordo com de Granda (1985a), paralelas e compatíveis, porém independentes das realizadas pelo sacerdote da Igreja Católica. Há pouca bibliografia a respeito deste tema (cf. Zamora-Loboch 1962, de Granda 1985a, Caldeira 2006) e é crucial que este patrimônio imaterial da humanidade seja documentado, estudado e preservado para as futuras gerações. Ademais, os anobonenses consideram a linguagem das cerimônias o português (Armando Zamora, c. p.). Os raros textos orais recolhidos nos permitem afirmar que a linguagem empregada nas cerimônias é uma variedade híbrida, com muitos elementos do *fa d'ambô*, do português, com algumas palavras latinas e também influenciada pelo atual ambiente ecolinguístico da comunidade. Portanto, as estruturas linguísticas encontradas nos textos orais das cerimônias não estão relacionadas ao FA somente, nem ao português clássico, conquanto muitas das canções e orações tenham como modelo original textos sagrados em português. A comunidade de fala, ao restringir o aprendizado e considerar a linguagem das cerimônias como algo distinto do *fa d'ambô*, contribuiu com as forças extralinguísticas capazes de manter as diferenças entre estas manifestações linguísticas.

⁶ Tendo em vista a inviabilidade da implantação de um sistema agroindustrial.

⁷ O cabo-verdiano, crioulo de base portuguesa, é amplamente falado em STP, porém foi introduzido no século XX por trabalhadores oriundos de Cabo Verde.

linguística comparada mostram que essas quatro línguas tiveram uma origem comum⁸, embora sejam inteligíveis entre si (cf. Ferraz 1979). Araujo, Bhatt & Hagemeyer (em preparação) argumentam a favor desta protolíngua comum, o protocrioulo do Golfo da Guiné (PCGG), cuja origem se deu na ilha de São Tomé na primeira metade do século XVI. Assim, a relação entre o PCGG e o *fa d'ambô* e as demais línguas crioulas de base portuguesa do GG só pode ser entendida através de estudos histórico-comparativos.

Descoberta no último quarto do século XV, a ilha de São Tomé teve o seu primeiro povoamento bem-sucedido somente a partir de 1493, embora o primeiro donatário tenha sido nomeado em 1485 (Garfield 1992). O ano de 1515 marca o fim da fase da sociedade de habitação, com pequenos núcleos familiares e poucos escravos, e o início da fase da sociedade de plantação, com a exploração intensiva da mão de obra escrava⁹ (Garfield 1992). Na primeira fase de povoamento, surgiu uma língua emergencial, do contato entre os colonos e os escravos, sobretudo do Delta do Níger. Expandida, esta língua emergencial se tornou o PCGG (Hagemeyer 2011). No entanto, o PCGG, por volta da metade do século XVI, se dividiu: de um lado, grupos de falantes do PCGG foram levados à Ilha do Príncipe e à Ilha de Ano Bom, de outro, grupo de falantes (incluindo escravos da região do Congo e de Angola), fugidos dos engenhos, da capital, e escravos recém-chegados à ilha, formaram quilombos, dando origem à comunidade dos Angolares (Ferraz 1974, Caldeira 2006, Seibert 2007). As diferenças linguísticas e a inteligibilidade entre as quatro línguas podem ser explicadas pelo relativo isolamento entre si, pelos efeitos do contato com outras línguas, sobretudo dos grupos de escravos incorporados às várias comunidades, pelo papel da transmissão múltipla¹⁰ em cada comunidade, pelo papel das mudanças internas de cada língua e por características inovadoras ou conservadoras de cada um dos subsistemas linguísticos e, finalmente, pela maior ou menor presença da língua do superstrato, o português, ou de línguas do substrato nas comunidades de fala¹¹. Dessa forma, a seguir, ao mostrar as relações entre o *fa d'ambô* e a língua portuguesa, incluiremos exemplos do santome (Araujo & Hagemeyer 2013), do lung'ie (Maurer 2009) e do angolar (Maurer 1995). A comparação linguística mostrará que as relações entre as línguas crioulas de base portuguesa do Golfo da Guiné e o português são profundas e que a herança portuguesa na região une as ilhas do Golfo com

⁹ Cf. Hagemeyer 1999 para as estatísticas sobre o número de engenhos de cana-de-açúcar ao longo do século XVI.

¹⁰ A transmissão múltipla ocorre em contextos nos quais falantes nativos e não-nativos transmitem a língua.

¹¹ Há poucos estudos publicados sobre o protocrioulo do Golfo da Guiné (cf. Ferraz 1979, 1987, Hagemeyer 2011, Araujo, Bhatt & Hagemeyer, em preparação). No âmbito dos projetos *Instrumentos Linguísticos para as Ilhas de São Tomé e Príncipe*, financiado pelo Conselho Nacional de Pesquisas Tecnológicas do Brasil, e *The origins and development of creole societies in the Gulf of Guinea: an interdisciplinary study* (ptdc/cle-lin/111494/2009), pesquisadores de diversas universidades empreendem esforços para a produção de materiais que permitam a reconstrução do PCGG. <http://www.gulfofguineacreoles.com/>

os demais países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Ademais, foi essa ligação que serviu como inspiração para a solicitação para ser membro-permanente da Guiné Equatorial junto à CPLP¹².

4. ALGUMAS CARACTERÍSTICAS LINGUÍSTICAS DO FA D'AMBÔ

4.1. Introdução

Nesta seção, serão abordadas algumas características linguísticas do *fa d'ambô*. Contudo, não se trata de uma descrição linguística completa, pois o objetivo deste texto é examinar alguns traços convergentes e divergentes do *fa d'ambô* em relação ao português e às línguas crioulas de base portuguesa do Golfo da Guiné. Não abordaremos a sintaxe, pois a estrutura da frase do FA, assim como a de todos os demais crioulos de base portuguesa do GG, difere sobremaneira da sintaxe do português.

¹² Desde 2006, a República da Guiné Equatorial é membro observador associado da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). No entanto, a RGE tem efetuado, sobretudo a partir de 2010, esforços para se tornar membro pleno. Em 2010, o português passou a ser uma das línguas oficiais do país. De uso limitado no país, devido à inexistência de um contingente populacional luso-falante relevante, o português requererá esforços para se tornar uma língua de uso *de facto*. Todavia, a herança portuguesa na RGE não se manifesta somente na língua portuguesa, como pretendemos demonstrar neste texto, especialmente pela existência do *fa d'ambô*. Contudo, a aceitação da RGE como membro-permanente pelos demais sócios da CPLP é uma decisão política complexa. Nesse caso, não basta ter o português como língua oficial ou uma herança comum. Além das questões linguísticas, há fatos que são considerados relevantes pela CPLP, especialmente aqueles que dizem respeito a observância de direitos fundamentais dos cidadãos. Mesmo sobre esse tema, a própria CPLP age de maneira irregular: por um lado, a sociedade civil de alguns países membros possuem restrições ao regime ditatorial da Guiné Equatorial, liderado desde 1979 por Teodoro Obiang Nguema Mbasogo, por outro lado, a CPLP aceita a presença de Angola no grupo. Ambos os países são classificados como ditaduras pela organização não-governamental *Freedom House* (<http://www.freedomhouse.org>). Embora a 'cláusula democrática' seja um fator importante na construção do discurso do grupo, no que diz respeito a classificações de organizações independentes, os membros da CPLP possuem as suas idiossincrasias. Para a *Freedom House*, por exemplo, há, no bloco, os países livres: Brasil, Cabo Verde, Portugal, São Tomé e Príncipe; os parcialmente livres: Moçambique, Timor-Leste; e os não livres: Angola, Guiné Bissau. Já para o *Democracy Index do Economic Intelligence Unit* (<http://www.eiu.com>), Brasil, Cabo Verde, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste são democracias com imperfeições, ao passo que Moçambique é um regime híbrido (parcialmente democrático) e Angola e Guiné Bissau são ditaduras. Em ambas as classificações, a RGE é considerada um regime autoritário. Aos países-membros fundadores, contudo, era necessário simplesmente ter tido um passado colonial comum e ser, atualmente, um país soberano para se associarem como membros fundadores (exceto o Timor-Leste, aceito quando de sua independência). Dessa forma, os países fundadores são membros 'naturais'. A suspensão temporária da Guiné-Bissau em 2012, depois do golpe militar que defenestrou o governo democraticamente eleito de Carlos Gomes Júnior (primeiro-ministro) e Raimundo Pereira (presidente), sugere que a cláusula democrática e o respeito às instituições é importante para a CPLP. Portanto, a presença de Angola e da Guiné-Equatorial na *Comunidade* pode ser considerada embaraçosa, embora a associação à CPLP possa vir a legitimar os instrumentos de pressão da própria CPLP em relação à RGE e promover mudanças no regime. Do ponto de vista técnico, a RGE preenche os requisitos de compartilhar uma herança linguística e histórica com os demais países do bloco.

Os dados desta seção provêm de Vila (1891), Barrera (1957), de Granda (1985a-d), Zamora (2010), complementado com material recolhido e conferido em Lisboa no âmbito do projeto *The origins and development of creole societies in the Gulf of Guinea: an interdisciplinary study*¹³.

4.2. Fonologia

O sistema fonológico do *fa d'ambô* é formado por catorze vogais e vinte consoantes (Zamora 2010). A seguir, apresentaremos alguns exemplos das vogais e, em seguida, das consoantes. O sistema tonal não será abordado neste trabalho. O quadro vocálico, /i u ε e ɔ o a/, é o mesmo encontrado no português clássico (PC), no santome, no angolar e lung'ie (nessa língua, há também vogais longas). No entanto, no FA, há oposição distintiva entre vogais simples e longas, inovação em relação ao português. Zamora (2010: 60, 65-7) afirma também que vogais nasais são distintivas na língua. No entanto, a ausência de pares mínimos verdadeiros e o fato de a vogal nasal corresponder diacronicamente a uma sequência de vogal oral seguida por uma consoante nasal na coda¹⁴ fará com que, por ora, consideremos a nasalidade como fonética em FA¹⁵. Assim, consideramos a língua com catorze vogais fonológicas. Em (1) e (2), são exemplificadas ocorrências das sete vogais simples em sílabas tônicas e átonas¹⁶.

(1) Vogais simples, sílaba tônica

Vogal	Grafica	Transcrição	Glosa
u	gula	[ˈgul ^a]	‘gula’
i	fisú	[ˈfis ^u]	‘ofício’
ε	besa	[ˈbɛs ^a]	‘benção’
ɔ	khoso	[ˈxɔs ^ɔ]	‘ombro’
e	ilhe	[iˈlɛ]	‘ilha’
o	ôla	[ˈol ^a]	‘hora’
a	salu	[ˈsal ^a]	‘sal’

¹³ No FA, assim como em qualquer língua, há variação linguística que pode ser contextual (com variantes opcionais ou condicionadas), diastrática (isto é, social, manifesta, sobretudo, nos grupos etários) ou geográfica. Embora a comunidade de falantes da Ilha de AB seja relativamente homogênea, os falantes de Bioko ou os que residem no estrangeiro sofrem influências de outras línguas e de outros fatores que acabam por distanciá-los da comunidade da Ilha. Estas diferenças não podem ser ignoradas em um estudo amplo do FA, contudo, neste estudo, elas não serão discutidas em profundidades.

¹⁴ Araujo & Agostinho (2010) conduziram uma pesquisa de laboratório sobre a fonte da nasalidade em ST e em LI. O estudo revelou que a nasalidade nestas línguas era fonética, portanto, não distintiva.

¹⁵ Zamora (2010: 66-7) apresenta uma série de exemplos de pares mínimos com a oposição entre vogal oral e nasal. Contudo, nos étimos de origem portuguesa, a vogal nasal está necessariamente associada a uma consoante nasal na coda, reforçando, desta maneira, reforçando os resultados de Araujo & Agostinho 2010.

¹⁶ Não há uma grafia oficial para o *fa d'ambô*. Por esta razão, empregamos aqui uma versão adaptada do Alfabeto Unificado para as Línguas de São Tomé e Príncipe (ALUSTP). A diferença em relação ao ALUSTP é o uso do grafema <kh> para representar a consoante fricativa velar surda /x/, ausente no santome, lung'ie e angolar. Neste texto, todos os exemplos gráficos em *fa d'ambô* estão em negrito.

(2) Vogais simples, sílaba átona

u	gatu	[ˈgat ^u]	‘gato’
i	lhiki	[ˈli:k ⁱ]	‘monte’
ɛ	leeva	[le:ˈva]	‘enamorar-se’
ɔ	khonta	[xõˈta]	‘narrar’
e	têlêsêlu	[teleˈsel ^u]	‘terceiro’
o	khôtadu	[xoˈtad ^u]	‘afiado’
a	khasôl	[xaˈsol]	‘cão’

Os exemplos em (3) e (4) mostram as ocorrências das vogais longas, em sílabas tônicas e átonas, respectivamente.

(3) Vogais longas, sílaba tônica

u:	buudu	[ˈbu:d ^u]	‘pedra’
i:	totxiiga	[toˈtʃi:g ^a]	‘tartaruga’
ɛ:	peetu	[ˈpe:t ^u]	‘preto’
ɔ:	sosoo	[sɔˈsɔ:]	‘só’
e:	gêêsa	[ˈge:s ^a]	‘igreja’
o:	gôôdo	[ˈgo:d ^o]	‘gordura’
a:	tuukaa	[tuˈka:]	‘trocar’

(4) Vogais longas, sílaba átona

u:	muuta	[mu:ˈta]	‘multar’
i:	xiiyii	[ʃi:ˈvi:]	‘servir’
ɛ:	beeda	[bɛ:ˈda]	‘embebedar’
ɔ:	khotadu	[xɔ:ˈtad ^u]	‘intrépido’
e:	xkêêvê	[ʃke:ˈve]	‘escrever’
o:	khôôzidu	[xo:ˈzid ^u]	‘cozido’
a:	baabêlu	[ba:ˈbel ^u]	‘barbeiro’

Portanto, a quantidade vocálica não está associada à tonicidade. Porém, nos étimos cognatos, a duração vocálica está associada a uma série de processos diacrônicos de apagamento de estrutura e de ressilabificação dos étimos em português e no PCGG, como mostrado nos exemplos adiante. Araujo, Bhatt & Hagemeyer (em preparação) defendem que o apagamento da consoante líquida, como segundo elemento do onset complexo, provocou alongamento compensatório no FA e no LI, como pode ser observado em **peetu** ‘preto’, cuja forma no ST é **pletu** e no LI é **peetu**. Além disso, as vogais longas, fora da sílaba átona, são pouco frequentes.

O quadro consonantal do FA apresenta vinte consoantes. Portanto, distancia-se do português clássico pela ausência da consoante vibrante simples /r/, da vibrante múltipla /r/ e pela presença (como elemento distintivo) da fricativa velar surda /x/. As diferenças em relação às demais línguas crioulas de base portuguesa do GG podem ser observadas na presença, no FA, como fonema, da consoante fricativa velar surda /x/ e, no fato de, tanto no ST, como no FA, [tʃ] e [dʒ] ocorrerem

comumente diante de /i/, embora haja poucos exemplos nos quais estes últimos ocorram seguidos por outras vogais (Ferraz 1979). No FA, [tʃ] é um alofone de /s/ e /dʒ/ é fonema, com o seu alofone [ʒ]. Além disso, no ST, no LI e no AN os fonemas /k/ e /p/ são raros.

	labial	alveolar	palatal	velar
oclusiva surda	p	t		k
oclusiva sonora	b	d	dʒ	g
fricativa surda	f	s	ʃ	x
fricativa sonora	v	z		
nasal	m	n	ɲ	
lateral		l	ʎ	
aproximadamente	w		j	

Quadro 1: Consoantes do FA.

O fonema fricativo velar surdo /x/ não pode ser encontrado em nenhum dos outros crioulos de base português do GG, porém há uma correlação com o fonema oclusivo velar surdo /k/ nas demais línguas (5). Ao mesmo tempo, o fonema /x/, embora também encontrado no espanhol, não pode ser atribuído à influência deste no FA, uma vez que os étimos com o fonema /x/ não são, por um lado, cognatos dos étimos com o mesmo fonema no espanhol e, por outro lado, étimos de origem espanhola com o fonema /x/ são nativizados em *fa d'ambô* com [z], como pode ser observado no antropônimo [x]uan ‘João’, realizado como [ˈzwã].

(5) Cognatos com correspondência entre /x/ e /k/.

	PC	FA	ST	LI	AN	Glosa
a.	[k]achorro	[x]asôl	[k]asô	[k]asô	[k]athô	‘cão’
b.	bo[k]a	bô[x]ô	bo[k]a	ubu[k]a	bô[k]a	‘boca’
c.	[k]ontar	[x]onta	[k]onta	[k]onta	[k]onta	‘contar’

Entretanto, há itens lexicais cognatos nas outras línguas que também possuem correlatos com o fonema /k/ no FA (6). Os dados em (6) mostram que, às vezes, o /k/, tanto da língua lexificadora como das línguas do substrato, é realizado [k] no FA. Ademais, o exemplo 6c revela que o FA e o ST e LI compartilham cognatos com /k/ que não são encontrados no AN.

(6) Cognatos com correspondência entre o fonema /k/.

	PC	FA	ST	LI	AN	Glosa
a.	[k]oração	[k]uusan	[k]loson	[k]osan	[k]othon	‘coração’
b.	[k]ente	[k]entxi	[k]entxi	[k]entxi	[k]etxi	‘quente’
c.	-	o[k]wali	[k]wali	u[kp]eri	-	‘cesto’

Uma vez que as demais consoantes, exceto /x/, são também encontradas no FA e no PC, a seguir, apenas as exemplificaremos, em pares mínimos e análogos, oferecendo, assim, material para a próxima seção, na qual abordaremos as evidências lexicais que conectam o FA ao português e às línguas crioulas de base portuguesa do Golfo.

Os dados em (7) demonstram a oposição entre as consoantes labiais no *fa d'ambô*. São apresentados pares mínimos e análogos, opondo /p/ e /b/, /b/ e /m/, /p/ e /m/, /f/ e /v/, /p/ e /f/, /b/ e /v/.

(7) Oposição entre consoantes labiais

a. /p/ e /b/	balea	‘baleia’	peega	‘oração’
	palea	‘cidade’	beega	‘intestinos’
b. /b/ e /m/	banda	‘abandar’	beeda	‘embebedar’
	manda	‘mandar’	meedu	‘medo’
c. /p/ e /m/	pagu	‘pago’	pula	‘puro’
	magu	‘mago’	mula	‘clã’
d. /f/ e /v/	fala	‘voz’	fea	‘picar’
	vala	‘vala/barra’	vea	‘veia’
e. /p/ e /f/	panhyan	‘gravidez’	ope	‘pé’
	fanhyan	‘farinha’	afa	‘fé’
f. /b/ e /v/	bala	‘bala/projétil’	baadu	‘bailado’
	vala	‘vara/barra’	vaadu	‘preparativo’

Os dados em (8) opõem as consoantes coronais. Assim, são apresentados pares mínimos e análogos, contrastando /t/ e /d/, /d/ e /n/, /d/ e /l/, /s/ e /z/, /l/ e /k/. Embora haja raros exemplos de /s/ seguido de /i/, como em **sin** ‘zincó’, a consoante fricativa pós-alveolar surda [ʃ] está limitada ao contexto de /i/, como em **kaxia** ‘recolher’. Dessa forma, [ʃ] é melhor descrito como uma variante condicionada do fonema /s/. A consoante fricativa pós-alveolar sonora [ʒ], da mesma forma, só ocorre diante de /i/. Portanto, trata-se também de um alofone, contudo os exemplos em (8h) sugerem que [ʒ] ocorre somente diante de [i], pois não há oposição entre [dʒ] e [ʒ]. Assim, há uma assimetria no sistema fonológico, com a ausência de [tʃ] e [dʒ] e a presença de /f/ e /ʒ/. Nos exemplos ortográficos, [tʃ] é representado como <tx> e [ʒ] representado como <y>, porém só ocorrem diante de [i].

(8) Oposição entre consoantes coronais

a. /t/ e /d/	ôtu	‘oito’	ta	‘estar (PASS)’ ¹⁷
	ôdu	‘forte’	da	‘dar’
b. /d/ e /n/	odo	‘fingir’	dêê	‘abaixar’
	ono	‘nudo’	nêê	‘nascê’

¹⁷ Abreviaturas linguísticas utilizadas neste texto: 1 - primeira pessoa, 2 - segunda pessoa, 3 - terceira pessoa, DEM - demonstrativo, LOC - locativo, NEG - negação, PASS - passado, PL - plural, PREP - preposição, POSS - possessivo, Q - marcador de pergunta polar, SG - singular, VOC - vocativo.

c. /d/ e /l/	dadu	‘dado’	dadalan	‘guloso’
	ladu	‘lado’	ladalan	‘ladrão’
d. /s/ e /z/	salu	‘sal’	lisu	‘liso’
	zalu	‘trago’	lizu	‘duro’
e. /l/ e /k/ ¹⁸	lamu	‘ramo’	jaladu	‘aranhado’
	llami	‘inhame’	jalladu	‘encalhado’
f. /ʃ/ e /tʃ/	xia	‘cheio’	txila	‘tirar’
	jia	‘dia’	jiil	‘prisão’
g. /ʒ/	veeyi	‘verde’	luyiadu	‘rodeado’

As consoantes dorsais possuem um sistema híbrido de oposição. De um lado, /k/ opõe-se a /x/. Contudo, /x/ pode ser relacionado ao /k/ do português clássico. Desta forma, parece se tratar de um caso de distribuição complementar. No entanto, os pares revelam que a oposição é significativa. Por outro lado, /k/ opõe-se a /g/, sua contraparte vozeada. Entretanto, /g/ possui um alofone que aparece em contextos nasais, a consoante nasal velar [ŋ]. Portanto, diferente das outras consoantes nasais, este alofone nasal está em distribuição complementar com a sua contraparte oral, [g], este restrito a ambientes orais e aquele a ambientes nasais (ver exemplos em (10)).

(9) Oposição entre consoantes dorsais

a. /k/ e /x/	kula	‘curar’	kada	‘cada’
	xôlha	‘colar’	xaata	‘carta’
b. /k/ e /g/	kusta	‘custar’	kula	‘curar’
	gusta	‘gostar’	gula	‘gula’

A oposição entre as consoantes nasais /m/, /n/ e /ɲ/ (<nh>) está demonstrada pelos pares em (10). Como apontado anteriormente, a consoante nasal velar é um alofone de /g/.

(10) Oposição entre consoantes nasais

a. /m/ e /n/	mosa	‘mulher’	mootxi	‘morte’
	nosa	‘nossa’	nôtxi	‘noite’
b. /n/ e /ɲ/	bana	‘banana-pão’	ngana	‘ganhar’
	banha	‘tomar banho’	nganha	‘enganar’

Cabe aqui uma breve consideração a respeito da estrutura silábica do FA. O sistema silábico do FA possui diferenças em relação ao PC ou às demais línguas crioulas de base portuguesa do Golfo da Guiné. O FA tem vogais simples e vogais longas, onsets complexos são evitados e a posição de coda é restrita à nasalidade, exceto se derivada de uma dessonorização (frequentemente seguida de apagamento total) de vogais em final de palavra ou sentença. A convergência

¹⁸ Graficamente <ll>.

entre restrições sobre a estrutura silábica e fonemas, no FA e nas línguas irmãs, pode ser observada em palavras cognatas de origem portuguesa. De um lado, o português permite róticos, como consoantes simples, como segundo elemento de onset complexo e na coda. Nem o ST nem o FA possuem róticos e, por conseguinte, não os permite em nenhuma posição. O LI possui róticos, mas de forma limitada como segundo elemento de onset complexo, como **primu** ‘primo’. Assim, a palavra portuguesa ‘prato’ é cognata de **platu**, no ST e **paatu**, no FA, no LI e no AN. Naquele, o rótico foi substituído pela consoante lateral /l/, do português para o santome. Nestes, a lateral, como segundo elemento de onset complexo, foi apagada, engatilhando um processo de alongamento compensatório da vogal, para o preenchimento da posição apagada (Araujo, Bhatt & Hagemeyer, em preparação), supondo-se que a língua fonte para o FA é o PCGG, cuja forma para a mesma palavra é relacionada à forma moderna nas línguas irmãs. Portanto, considerar os étimos do *fa d'ambô* relacionados ao português somente e, por conseguinte, atribuir as mudanças linguísticas a processos unidirecionais PC → FA pode levar a um quadro incompleto, como será mostrado adiante.

4.3. Léxico

As línguas crioulas de base portuguesa do Golfo da Guiné compartilham léxico de origem não-portuguesa (11), especialmente termos de origem africana para designar fauna e flora endêmicos, e objetos ou conceitos culturais únicos ou característicos de determinados grupos sociais. No entanto, muitas vezes, a importância cultural de um objeto ou conceito nas culturas dos povos oprimidos, associada a uma forma cognata nas diversas línguas do substrato, pode fazer com que um determinado item lexical seja incorporado à língua crioula, apesar da alta frequência do mesmo item na língua-alvo, como pode ser o caso de ‘pedra’ ou ‘piolho’. Embora cognatos, pode haver pequenas diferenças entre os étimos.

(11) Cognatos de origem não portuguesa

	ST	FA	PC	Glosa
a.	ôdô	ôdô	almofariz	‘almofariz’
b.	idu	idu	piolho	‘piolho’
c.	budu	buudu	pedra	‘pedra’
d.	ôbô	ôgô	bosque	‘floresta’
e.	bansa	mbasa	costela	‘costela’

Já nos étimos de origem portuguesa, podemos identificar padrões regulares de mudança linguística. Em (12), apresentamos um grupo de exemplos nos quais o apagamento da consoante [l] em ST corresponde a uma sequência de vogais longas no FA. A consoante [l] em ST está relacionada, por sua vez, ao /l/ ou ao /r/ do português, onde podem ocupar a segunda posição do onset complexo ou serem consoantes no onset. Portanto, os exemplos sugerem que os étimos do *fa d'ambô* e do santome compartilham uma origem na qual, em um primeiro

estágio, a consoante tepe alveolar e a lateral alveolar foram interpretadas como /l/ no protocrioulo. Restrições sobre a estrutura silábica provocaram as mudanças iniciadas por diferentes comunidades de falantes que formaram parte das línguas do substrato nos primeiros anos. Os exemplos (12a-d) mostram que os étimos do fa d'ambô possuem uma relação direta com o ST, na medida em que apenas um processo fonológico, nomeadamente o alongamento, conecta as formas em cada uma das línguas. O exemplo 12e, por sua vez, mostra que o apagamento da vogal inicial do português ocorreu também no protocrioulo. O exemplo 12f revela a influência do mundo cultural lusitano¹⁹ da época da formação das línguas crioulas do GG.

(12) Cognatos: alongamento compensatório

	ST	FA	LI	PC	Glosa
a.	blanku	baanku	baanku	branco	'branco'
b.	fla	faa ²⁰	faa	fala	'língua'
c.	dlêtu	dêêtu	dêêtu	direito	'direito'
d.	glavi	gaavi	gaavi	grave	'bem/belo'
e.	glêza	gêêza	gêêza	igreja	'igreja'
f.	blabêlu ²¹	baabêlu	babêw	barbeiro	'médico'
g.	kloson	kuusan	kosan	coração	'coração'

Por fim, o étimo em g, embora relacionado tanto ao ST como ao PC, possui uma alteração vocálica, uma vez que, no FA, a vogal [o] do PC foi interpretada como a vogal alta [u] (cf. 13). Uma variação semelhante pode ser observada no exemplo (12e). Se, até mesmo em um ambiente monolíngue, as crianças dão múltiplos exemplos de segmentação idiossincrática da estrutura da palavra, nas situações típicas de contato linguístico que geraram as línguas crioulas de base portuguesa, muito possivelmente os falantes recém-chegados ao ambiente ecolinguístico se deparavam com escolhas de segmentação constantemente. Além de desconhecerem as regras de formação de palavras da língua a ser aprendida, os falantes das línguas do substrato traziam consigo os seus próprios padrões fonológicos e morfológicos. Neste sentido, em (13), podemos observar, ao mesmo tempo, aspectos da interpretação morfológica que os falantes do substrato faziam do português e aspectos do conflito entre restrições fonológicas no começo de palavra de uma dada língua, do português e do protocrioulo. O português é uma língua que possui artigos definidos (o, a, os, as), porém as línguas dos troncos linguísticos que provavelmente contribuíram na gênese do PCGG não os possuem. Hagemeyer (2009) mostrou como se dá o comportamento dos processos de aglutinação de vogal inicial das

¹⁹ Na época da expansão marítima, os barbeiros das embarcações portuguesas executavam o papel de médico prático. No FA, esta aceção do étimo foi preservada, porém, o ST incorporou o item lexical **xtlijon** derivado da palavra portuguesa 'cirurgião' para designar médico.

²⁰ A forma **faa** aparece nas construções sintáticas (Zamora, comunicação pessoal), ao passo que a forma canônica **fala** é empregada isoladamente.

²¹ **Blabêlu** no ST moderno significa 'barbeiro', enquanto **xtlijon** é o étimo para 'médico'.

línguas do GG. Basicamente, enquanto o ST, o AN e o LI aglutinam ambos os artigos do português a alguns itens lexicais, o *fa d'ambô* optou por aglutinar somente o artigo masculino, representado por <o>. O exemplo 13a mostra que o cognato para a palavra 'fé' não contém o artigo incorporado, ao passo que o ST optou por esta solução. No entanto, no que diz respeito à incorporação do artigo <o>, ambas as línguas se comportam de maneira semelhante, como mostram os exemplos 13b-d. O exemplo 13d, além disso, revela claramente uma origem comum para o étimo 'mar', no ST e no FA. Os exemplos 13e-f levantam algumas questões sobre o componente fonológico das línguas do substrato decalcado nas línguas crioulas. De um lado, nas línguas bantu, são comuns palavras iniciadas com consoantes pré-nasalizadas (uma sequência formada por uma consoante nasal seguida por sua contraparte oral). Nos exemplos (13a-c), observamos a variação entre étimos com o artigo incorporado ou não. Em 13d, ocorre a incorporação em ambas as línguas, possivelmente já presente na protoforma. No exemplo (13e), a palavra portuguesa 'pão' foi incorporada em uma língua com a presença de uma consoante pré-nasalizada [mp] e, em outra, com a incorporação do artigo à forma primitiva, que já contava com a pré-nasalização. Padrão semelhante pode ser observado no exemplo 13f, onde a sequência inicial do étimo português foi interpretada como uma pré-nasalização, [nf], e não com uma sílaba iniciada por vogal com coda nasal. Os exemplos em 13g-i tipificam um padrão misto de incorporação no que inclui o apagamento da vogal em uma expressão com artigo (a[z]ancas) no FA (embora o ST moderno empregue uma forma derivada de 'cadeiras'.) e o mesmo no ST em a[z]águas, ao passo que o mesmo não ocorre no FA. Portanto, esse padrão misto pode revelar estratos linguísticos em ambas as línguas.

(13) Cognatos: interpretação morfológica

	ST	FA	PC	Glosa
a.	afe	fe	fê	'fé'
b.	opo	po	pó	'pó'
c.	ope	pe	pé	'perna'
d.	omali	omali	mar	'mar'
e.	mpon	ampan	pão	'pão'
f.	nfenu	onfelu	infêrno	'inferno'
g.	zalima	zalma	as almas	'alma'
h.	kadela	zankha	as ancas	'ancas'
i.	zawa	awa	?as águas	'urina'

Afora a pré-nasalização, um grande número de processos fonológicos provocam alterações nos étimos de origem portuguesa. Um destes processos, a epêntese, isto é, inserção de material segmental, pode ser observada em (14). Além da atuação de outros processos fonológicos, temos paragoge em todos os exemplos: em 'arroz', tendo sido inserido um [o] final, em 'nariz' foi inserido um [i] final, em 'quatro', o cluster consonantal [tl] foi desfeito graças à inserção da vogal [u] em *fa d'ambo*, mas mantido em ST. No FA e no ST, assim como no LI e no AN, a vogal inserida é uma cópia da vogal seguinte.

(14) Cognatos: inserção vocálica

	ST	FA	PC	Glosa
a.	lôso	alôsô	arroz	‘arroz’
b.	lixi	lixi	nariz	‘nariz’
c.	kwatlu	khatulu	quatro	‘quatro’

Os cognatos apresentados em (15) expressam a relação de proximidade entre o léxico do *fa d’ambô* e do santome, menor se comparada ao LI e ao AN, uma vez que, dadas as condições sociolinguísticas que geraram as línguas crioulas do GG, as línguas FA e ST são ambas ‘filhas’ diretas do protocrioulo. Desta forma, os dados em (15) sumarizam esta seção. Os exemplos 15a-c são cognatos perfeitos. O exemplo 15d, do FA, difere do ST, no que diz respeito à vogal final [u]/[a]. Tanto 15e como 15f mostram a interação de outros processos fonológicos: apagamento do segundo elemento do ditongo (no exemplo 15e) do FA e dessonorização do [d] intervocálico (no exemplo 15g), ou seja, o exemplo 15g mostra que alguns cognatos apresentam uma alternância entre consoantes sonoras e surdas intervocálicas. O cognato 15h revela a manutenção da coda final, alterada de [r] para [l], em FA, o que sugere que a forma sem coda no ST pode ser uma inovação.

(15) Cognatos: relações entre étimos do ST e FA

	ST	FA	PC	Glosa
a.	fesa	fesa	festa	‘festa’
b.	bega	beega	barriga	‘barriga’
c.	mina	mina	?menina	‘criança’
d.	sumbu	sumba	chumbo	‘chumbo’
e.	mpon	ampan	pão	‘pão’
f.	vyantêlu	vantêlu	vinhateiro	‘vinhateiro’
g.	landa	lanta	nadar	‘nadar’
h.	pêkadô	pôkhôdôl	pecador	‘ser humano’

Em um contexto de transmissão linguística múltipla, o aprendizado do léxico, sobretudo nas primeiras gerações, quando a transmissão da língua-veicular se dava entre falantes adultos, era fortemente influenciado pelas restrições linguísticas das línguas do substrato, manifesta nas alterações fonológicas, prosódicas e semânticas das línguas-filhas do protocrioulo do Golfo da Guiné.

4.4. Negação e partícula interrogativa polar

A língua *fa d’ambô*, embora relacionada às demais línguas crioulas de base portuguesa do Golfo, possui elementos únicos. Neste sentido, o sistema de negação, por exemplo, coloca as línguas crioulas do Golfo da Guiné em um restrito grupo de línguas do mundo que possui negação frásica descontínua, isto é, a negação é expressa por duas partículas, em geral uma pré-verbal e outra final. No

entanto, cada uma das línguas crioulas do GG é representante de um subconjunto das possibilidades do sistema de negação descontínuo da área. Assim, no ST, exemplo (16), a partícula é descontínua **na... fa**. No LI, exemplo (17), a partícula **fa** é somente final (em alguns casos, ela também pode ser descontínua e em outros realizada como **na**, não final. Cf. Agostinho, em preparação). No angolar, (18), a negação descontínua é formada pelos elementos **na... wa**. No FA, exemplo (19), a partícula negativa descontínua (Post 1997) é formada por **na... f**, ou seja, há apenas a realização consonantal, ao passo que, nos demais crioulos do Golfo da Guiné, temos uma sílaba CV, embora a negação possa também ser realizada modificando o pronome pessoal sujeito de sentenças negativas, associado à partícula **f** final (20). Posto que todas as línguas possuem a mesma origem comum, quais fatores levaram à variação? Este é um dos temas relacionados ao *fa fa d'ambô* que interessam à comunidade científica.

- (16) **Sun** **Faxiku** **na** **lega** **vesu** **fa** **antê** **ê**
 senhor Francisco NEG largar verso NEG até 3SG
 bi da tudu kwa se di 1953 (ST)²²
 vir dar todo coisa DEM PREP 1953
 ‘O Sr. Francisco não deixou os versos até ocorrerem todos os acontecimentos de 1953.’

- (17) **Têtuuga** **mêê** **ranka** **na** **meze** **fa.** (LI)²³
 Tartaruga querer arrancar LOC mesa NEG
 ‘Tartaruga não quis deixar a mesa.’

- (18) **Amu** **na** **po** **fe** **f.** (FA)²⁴
 1SG NEG poder fazer NEG
 ‘Não posso fazê-lo.’

- (19) **Amu** **na** **po** **fe** **f.** (FA)²⁵
 1SG NEG poder fazer NEG
 ‘Não posso fazê-lo.’

- (20) **Mê** **kumpa** **lavulu** **f.** (FA)
 1SG.NEG comprar livro NEG
 ‘Eu não comprei o livro.’

Outro exemplo que aproxima e, ao mesmo tempo, distancia o FA das suas línguas co-irmãs é o sistema de perguntas polares, isto é, perguntas usadas pelos falantes nativos quando querem descobrir os valores de verdade (verdadeiro/falso) na relação entre o sujeito e o predicado e, conseqüentemente, o valor de verdade da sentença. Basicamente, o ST, o LI e AN empregam a partícula final **an**, **a** e

²² Adaptado de Hagemeijer 2003:158, *apud* Hagemeijer & Alexandre 2012.

²³ Maurer 2009: 133, *apud* Hagemeijer & Alexandre 2012.

²⁴ Maurer 1995: 131.

²⁵ Post 1997:303, *apud* Hagemeijer & Alexandre 2012.

wa, respectivamente, além da simples entonação interrogativa: ascendente nas sentenças interrogativas²⁶ (marcada com o símbolo ↗), e regular ou descendente nas declarativas/afirmativas. O *fa d'ambô* por sua vez, além da entonação (21a), pode empregar duas outras estratégias: a partícula **a** (21b), necessariamente em sentenças com entonação decrescente, ou uma mudança prosódica (22), encontrada no *fa d'ambô*, mas não descrita nas demais línguas crioulas de base portuguesa do Golfo da Guiné (Agostinho, Araujo, Christofolletti e Santos 2013).

- (21) a. **bo be** ↗
 2SG ver.PASS
 'Você viu?'
 b. **bo be a** ↘
 2SG ver.PASSQ
 'Você viu?'

A mudança prosódica se manifesta na alteração do acento da palavra final. Na sentença declarativa (22a), a vogal final da última palavra é desonorizada por ser átona. A entonação é descendente. Na sentença interrogativa, contudo, há uma alteração que respeita o seguinte padrão: acentue a última mora (vogal ou glide) da última palavra, mesmo se a palavra não possuir acento final (isto é: altere o padrão acentual) e empregue simultaneamente entonação crescente.

- (22) a. **bô kum pixoro** ↘
 ['bo 'kum pi'fɔxɔ]
 2SG comer.PASS pão tradicional
 'Você comeu pinoxor.'
 b. **bô kum pixoro** ↗
 ['bo 'kum piɔ'xɔ]
 2SG comer.PASS pão tradicional
 'Você comeu pinoxor?'

A partícula polar também pode co-ocorrer com a mudança prosódica. Nesse caso, se a palavra for terminada por vogal, pode ocorrer o sandhi externo (cf. Agostinho, Araujo e Freitas 2012), como exemplificado em (23b).

- (23) a. **bô kum pixoro** ↗
 ['bo 'kum piɔ'xɔ]
 2SG comer.PASS pão tradicional
 'Você comeu pinoxor?'

²⁶ Em *lung'ie* e *fa d'ambô* é ascendente quando ocorre o morfema *a* e descendente quando este não ocorre.

b.	bô	kum	pixoro	a	↗
['bo	'kum	piʃo'xa]	
	2SG	comer.PASS	pão tradicional	Q	
	'Você comeu pixor?'				

Se, contudo a palavra final terminar com um glide (24a), a estratégia empregada é separar o glide de sua sílaba, criando uma nova sílaba acentuada e, ao mesmo tempo, tornando a entonação crescente (24b).

(24)	a.	bô	bê	hôsay	↘
	['bo	'be	ho'saj]
		2SG	ver.PASS	DEM	
		'Você viu aquilo.'			
	b.	bô	bê	hôsay	↗
	['bo	'be	hosa'i]
		2SG	ver.PASS	DEM	
		'Você viu aquilo?'			

Dessa forma, o padrão descrito nas perguntas polares em *fa d'ambô* é distinto das demais línguas crioulas do Golfo da Guiné e mereceria um estudo comparativo mais aprofundado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exploração colonial portuguesa no Golfo da Guiné foi responsável, indiretamente, pela criação do contexto sócio-histórico que levou ao povoamento da região e à gênese das línguas crioulas do Golfo da Guiné. Embora a colonização portuguesa na Ilha de Ano Bom tenha sido irregular, há provas inequívocas da relação do mundo português com Ano Bom e, por conseguinte, com a Guiné Equatorial.

As relações entre as línguas de Ano Bom e o mundo lusófono são pouco conhecidas, porém não podem ser chamadas de inexistentes. Desta forma, o estudo da língua da Ilha de Ano Bom é uma oportunidade para aumentarmos a nossa compreensão sobre o *fa d'ambô*, uma língua ainda sub-estudada, sobre a gênese do protocrioulo do Golfo da Guiné, em particular, sobre as línguas crioulas, em geral, e sobre os limites entre língua e inclusão linguística de comunidades minoritárias.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Ana Livia (em preparação). Gramática Pedagógica do Principense. Universidade de São Paulo.
- _____, Ana Livia; Araujo, Gabriel Antunes de; Freitas, Shirley. 2012. Resolução de hiato externo em principense. *PAPIA* 22: 279-294.

- _____. Ana Lúvia; Araujo, Gabriel Antunes de; Christofoletti, Alfredo; Santos, Eduardo Ferreira. 2013. Polar questions in fa d'ambô. Paper apresentado no Encontro Conjunto da ACBLPE e SPCL, Lisboa, Universidade de Lisboa, 20/06/2013.
- ARAUJO, Gabriel Antunes de. 2011b. Consoantes com dupla articulação e onsets complexos nas línguas crioulas do Golfo da Guiné. *Estudos Linguísticos* 40 (1): 316-325.
- _____. Gabriel Antunes de; Agostinho, Ana Lúvia. 2010. A fonte da nasalidade em santome e em principense. Universidade de São Paulo, inédito.
- _____. Gabriel Antunes de; Bhatt, Parth; Hagemeyer, Tjerk. (em preparação). Revisiting the liquid consonants in the Gulf of Guinea creoles.
- _____. Gabriel Antunes de; Hagemeyer, Tjerk. 2013. *Dicionário livre santome-português*. São Paulo: Hedra.
- BARRENA, Natalio. 1957. *Gramática anobonesa*. Madrid: csic/Instituto de Estudios Africanos.
- BICKERTON, Derek. 1984. The language bioprogram hypothesis. *Behavioral and Brain Sciences* 7 (2): 73-222.
- CALDEIRA, Arlindo, 2010. La leyenda de Lodã, o de cómo Rolando, compañero del emperador Carlomagno, defendió la isla de Annobón de una invasión terrible. *Oráfrica* 6: 89-114.
- _____. 2007. Crenças religiosas e ritos mágicos na ilha de Ano Bom: uma aproximação histórica. *Povos e Culturas* 11: 87-111.
- _____. 2006. Uma ilha quase desconhecida. Notas para a história de Ano Bom. *Studia Africana* 17: 99-109.
- _____. 2004. Rebelião e outras formas de resistência à escravatura nas ilhas do Golfo da Guiné (séculos XVI-XVIII). *Studia Africana* 7: 101-136.
- _____. 1999. *Mulheres, sexualidade e casamento em São Tomé e Príncipe (séculos XV-XVIII)*, 2ª edição. Lisboa: Edições Cosmos /GTMECDP.
- DISNEY, A. R. 2009. *A History of Portugal and the Portuguese Empire*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FERRAZ, Luiz Ivens. 1987. Portuguese creoles of West Africa and Asia. In: Gilbert, Glenn G. (ed.). *Pidgin and Creole Languages: Essays in memory of John E. Reinecke*, p. 337-360. Honolulu: University of Hawai'i Press.
- _____. 1979. *The Creole of S. Thomé*. Johannesburg: University of the Witwatersrand Press.
- _____. 1974. A linguistic appraisal of Angolar. In: *In Memoriam Antonio Jorge Dias*, Vol. 2, 177-186. Lisbon: Instituto de Alta Cultura/Junta de Investigações Científicas do Ultramar.
- GARFIELD, Robert. 1992. *A History of São Tomé Island (1470-1655). The Key to Guinea*. San Francisco: Mellen Research University Press.
- GÜNTHER, Wilfried. 1973. *Das portugiesische Kreolisch der Ilha do Príncipe*. Marburg an der Lahn: Im Selbstverlag.
- GRANDA, German de. 1985a. Sociolingüística de un microespacio criollo portugués de África (Annobón). In: de Granda, German. *Estudios de Lingüística Afro-románica*, 141-156. Valladolid: Universidad de Valladolid.
- _____. 1985b. El 'vocabulario fundamental' del criollo portugués de Annobón. Rasgos caracterizadores. In: de Granda, German. *Estudios de Lingüística Afro-románica*, 157-169. Valladolid: Universidad de Valladolid.
- _____. 1985c. Expansión léxica en un campo semántico del criollo portugués de Annobón. In: de Granda, German. *Estudios de Lingüística Afro-románica*, 171-179. Valladolid: Universidad de Valladolid.
- _____. 1985d. Procesos de aculturación léxica en el criollo portugués de Annobón. In: de Granda, German. *Estudios de Lingüística Afro-románica*, 171-179. Valladolid: Universidad de Valladolid.

- HAGEMEIJER, Tjerk; Alexandre, Nélia. 2012. Os crioulos da Alta Guiné e do Golfo da Guiné: uma comparação sintáctica. *Papia* 22: 233-51.
- _____. 2011. The Gulf of Guinea creoles: genetic and typological relations. *Journal of Pidgin and Creole Languages* 26(1): 111-154.
- _____. 2009. Initial vowel a Agglutination in the Gulf of Guinea creoles. In: Aboh, Enoch & Norval Smith (eds.). *Complex processes in new languages*, 29-50. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- HAGEMEIJER, Tjerk. 2003. A negação nos crioulos do Golfo da Guiné: aspectos sincrónicos e diacrónicos. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana* 2: 151-78.
- _____. 1999. As Ilhas de Babel: a criouliização no Golfo da Guiné. *Revista Camões* VI: 74-88.
- LEWIS, M. Paul (ed.). 2009. *Ethnologue: Languages of the World*, 16th edition. Dallas: SIL International.
- MATOS, Artur T. 2005. A colonização atlântica. In: Serrão J. e Marques A. H. de O. (dir.) *Nova História da Expansão Portuguesa*, vol. 3, parte 2. Lisboa: Editorial Estampa.
- MAURER, Philippe. 2009. *Principense – Grammar, texts, and vocabulary of the Afro-Portuguese creole of the island of Príncipe*. London: Battlebridge Publications.
- _____. 1995. *L'angolar: un créole afro-portugais parlé à São Tomé: notes de grammaire, textes, vocabulaires*. Hamburg: Helmut Buske Verlag.
- MÓROS y Morellón, José de & de los Ríos, Juan Miguel. 1844. *Memorias sobre las islas africanas de España: Fernando Poo y Annobon*.
- POST, Marike. 1992. The serial verb construction in Fa d'Ambu. In: d'Andrade, E. & Kihm, A. (eds.). *Actas do Colóquio sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa*, 153-169. Lisboa: Colibri.
- _____. 1997. Negation in Fa d'Ambô. In: Degenhardt, Ruth; Stolz, Thomas, Ulferts, Hella (eds.). *Afrolusitanistik – eine vergessene Disziplin in Deutschland?*, 292-316. Bremen: Universität Bremen.
- SEIBERT, Gerhard. 2007. Angolares of São Tomé island. In: Havik, P. & Newitt, M. (eds.). *Creole societies in the Portuguese colonial empire*, 105-126. Bristol: Bristol University Press.
- SCHUCHARDT, Hugo. 1888. Ueber das Negerportugiesische von Annobom. *Sitzungsberichte der kaiserlichen Akademie der Wissenschaften zu Wien* 116(1) 193-226. Sobre o Português falado pelos negros de Ano Bom, tradução de Mário Eduardo Viaro, USP.
- VILA, P. Isidro. 1891. *Elementos de la Gramatica Ambu o de Annobon*. Madrid: A. Perez Dubrull.
- YAKPÒ, Kofi. 2009. *A Grammar of Pichi*. Berlin/Accra: Isimu Media.
- ZAMORA, Armando. 2010. *Gramática Descriptiva del fa d'Ambô*. Madrid: Ceiba Ediciones.
- ZAMORA-Loboch, Miguel. 1962. *Noticia de Annobon (Su geografía, historia y costumbres)*. Madrid: Papeleria Madrileña Mayor.